

WLADIMIR OLIVIER

E AGORA?

E OUTROS CENTO E CINQUENTA E SEIS
SONETOS

(POESIA MEDIÚNICA)

315. Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva pelas suas obras o amor que tinha durante a vida?

— *Segundo sua elevação, julga-as de outra maneira e frequentemente reprovava o que mais admirava.*

(Allan Kardec — O Livro dos Espíritos.)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

- 1.— E agora?
- 2.— Na mão do grupo
- 3.— Desafogando-se
- 4.— É bem melhor aqui
- 5.— Refúgio poético
- 6.— Relação fraterna
- 7.— O apoio do fantasma
- 8.— Suave obsessão
- 9.— O avesso do avesso
- 10.— De boné na mão
- 11.— Meu comprometimento
- 12.— Meus limites
- 13.— A minha justificativa
- 14.— Algumas emoções
- 15.— Inconcusso tema
- 16.— Louvação
- 17.— A cruz largada ao chão
- 18.— Eis a colheita
- 19.— O rabo ficou de fora
- 20.— Soa o guizo
- 21.— O pulo do gato
- 22.— Junto ao borralho
- 23.— Mui carnal
- 24.— Quase carnal
- 25.— Menos carnal
- 26.— Às pressas
- 27.— Na escuridão da noite
- 28.— Natural desagrado
- 29.— Nem precisava dizer
- 30.— Válida tentativa
- 31.— Fugindo da raia
- 32.— Levantando a ponta do véu
- 33.— *Ao de leve*
- 34.— Cada um dá o que tem
- 35.— Nós aqui e o médium lá
- 36.— A culpa é minha
- 37.— O importante virá depois
- 38.— O sentimento mais profundo
- 39.— Sentimento revisto
- 40.— Promessa que se cumpre
- 41.— Simples recomendação
- 42.— De volta
- 43.— Engulho-me
- 44.— Inútil prosseguir
- 45.— Espero reagir
- 46.— Saindo da sombra
- 47.— A frouxidão como defeito
- 48.— Dar do que não tem

- 49.— Algo existe além dos versos
- 50.— O que me perturba
- 51.— Soneto à revelia do autor
- 52.— Coquetel de aspirações
- 53.— Estimulantes sentimentos
- 54.— Retribuindo
- 55.— Coloquial
- 56.— Contando com o amor de Jesus
- 57.— Anda longe o fim
- 58.— Tomando consciência
- 59.— Um por todos... ..
- 60.— ...todos por um
- 61.— Fazer o quê?
- 62.— Fazer o melhor possível!
- 63.— Dando força ao tema
- 64.— Denodado esforço
- 65.— Para lembrar depois
- 66.— Revelando pistas
- 67.— Dupla leitura
- 68.— O efeito da boa vontade
- 69.— Do livre-arbítrio
- 70.— Luz de empréstimo
- 71.— Lembrando o Mestre
- 72.— A exemplo de Jesus
- 73.— Fé que se faz prece
- 74.— Eterna esperança
- 75.— Contrição
- 76.— Confissão
- 77.— Arrependimento
- 78.— A penitência compartilhada
- 79.— A comunhão
- 80.— A promessa
- 81.— Reza com a gente!
- 82.— O sacrifício da autenticidade
- 83.— Para as lágrimas futuras
- 84.— Prece ao Senhor
- 85.— No calor da amizade
- 86.— Lembranças do sacerdócio
- 87.— Em apelo à solidariedade
- 88.— Para registro histórico
- 89.— Na trilha do anterior
- 90.— Como na novela
- 91.— Instrumentado poeta
- 92.— Misteriosa mão
- 93.— Deixando rastros
- 94.— Objetivo destacado
- 95.— De versos e de vaías
- 96.— Em tempo de espera
- 97.— O ovo em pé
- 98.— Reavivando o fogo
- 99.— A dona descuidada
- 100.— Preocupação real
- 101.— Ajudando o médium

- 102.— Às vezes, o vazio
- 103.— Às vezes, a plenitude
- 104.— Mais que lembranças
- 105.— Sem competição
- 106.— Tudo se encaixa
- 107.— Pranto poético
- 108.— Lenimento poético
- 109.— Tédio poético
- 110.— Dores poéticas
- 111.— O espírito da coisa
- 112.— A obra é o espírito
- 113.— O espírito além da obra
- 114.— Males da profissão
- 115.— Superando os males
- 116.— Implicâncias poéticas
- 117.— Não explica mas justifica
- 118.— Os meus *gatos*
- 119.— Mas não fugi da arena... ..
- 120.— Das qualidades minhas e tuas
- 121.— Diante d’*O Aprendiz do Evangelho*
- 122.— Para obter qualidade
- 123.— *La crème de la crème*
- 124.— Despertando sentimentos
- 125.— Caminhando devagar
- 126.— Seguindo com Jesus
- 127.— Pretensiosa mente
- 128.— Seguindo adiante
- 129.— Corrente fraterna
- 130.— Vale a tentativa
- 131.— Meu desejo de acertar
- 132.— Contradição
- 133.— Reverentemente
- 134.— Em verdade, em verdade... ..
- 135.— Dissecando o cadáver
- 136.— Ao menos me esforço
- 137.— Ao menos tento
- 138.— Ao menos capricho
- 139.— Ao menos luto
- 140.— Ao menos faço
- 141.— Ao menos me instigo
- 142.— Nem sempre é bom sonhar
- 143.— Lembrando Pascal
- 144.— Escrínio vazio
- 145.— Forçando o leitor à prece
- 146.— No mesmo sentido do anterior
- 147.— Confissões obrigatórias
- 148.— Refrigério poético
- 149.— Dependência e sustentação
- 150.— Características do trabalho
- 151.— O que é meu não é do médium
- 152.— Explicação necessária
- 153.— Trabalho enobrecedor
- 154.— A um materialista indeciso

- 155.— Mediocridade áurea
- 156.— Ao médium
- 157.— Até breve, irmão!

1

E agora?

Estive para vir sem compromisso,
Mas li as trovas dos irmãos maiores:
Foram tantos tremores e suores
Que o medo me causou um rebuliço.

— *Você há de pintar telas melhores* —,
Me disse um companheiro de serviço,
Porém, nada melhor, já que eu enguiço,
Do que pedir a ti que por mim ores.

Assinalei, no verso, a velha norma
E repeti, no texto, o tal refrão,
Porquanto o nosso mestre se conforma,

À vista deste gajo dizer *não*,
Na fórmula prudente do *pro forma*,
Enquanto cá lhe entrego o coração.

2

Na mão do grupo

Sutil o pensamento dessa rima
Que dei como perfeita p'ro começo;
Agora melhorar é que careço,
Nas ânsias de cair na tua estima.

Eu sei que mais repito o velho apreço
Que tem o povo aqui que mais me anima,
E faço a trova justa que se arrima
Nos mesmos velhos termos sem avesso.

Embora o verso nunca cresça ou mude,
Exijo mais respeito ao meu trabalho,
Que é fácil de se achar nesta atitude

O ponto do evangelho em que não falho,
Pois caridade eu tenho por virtude,
Na esp'rança de que a turma quebre o galho...

3

Desafogando-se

Componho um verso nobre a cada dia
E tento demonstrar o meu valor,
Mas tudo quanto faço é inferior:
Não vale um simples riso de alegria.

A estrofe quando séria tem mais cor
E traz ao coração mais harmonia:
Não segue este padrão de poesia,
Que luto por fazer com muito amor.

É trágico o final que se repete:
Ao vir pedir perdão aqui de novo,
Parece que o poeta tem topete,

Ao concertar o tema frente ao povo,
Na prece que lhe roga, sem confete,
Que é mole de quebrar a casca ao ovo.

4

É bem melhor aqui

Não posso ter saudade doutra vida,
Pois tudo quanto fiz foi desastroso.
Se penso que me dei a um nobre gozo,
A mente me interroga e já duvida.

É claro que minh'alma arrependida
Julgava, nesse tempo, algo gostoso,
Mas tudo que hoje vejo é mais formoso
No plano em que me entrego à minha lida.

Não quero lá voltar em sofrimento,
Pois tudo aqui me sabe bem melhor;
Mas pensem que, no texto, sempre aumento

As qualidades que ora sei de cor
E escondo, na poesia, o meu tormento,
Que a dor parece aqui muito menor.

5

Refúgio poético

Não vim p'ra elogiar o verso meu
Nem faço esta poesia com humor,
Mas, na verdade, assumo este compor,
Porquanto o meu mentor correspondeu.

Assim, um compromisso superior
Me prende neste esquema de judeu,
Pois é com prestações que devo eu
Pagar todo o serviço por favor.

Não posso mais fugir p'ra profundeza,
Porque já tomei gosto pela rima
E muito bem me sinto junto à mesa,

Ao receber do irmão a nobre estima;
Então, montar a trova é, com certeza,
O gesto generoso que me anima.

6

Relação fraterna

Não posso desfazer o compromisso
Nem devo revoltar-me contra a trova:
Minha disposição só me comprova
Que estou regenerado, com mais viço.

Quando a cavalgadura mais corcova,
Aperto-lhe nos francos, sem enguiço,
Duas rosetas boas p'ro serviço;
E a paz, neste ambiente, se renova.

Se paro p'ra pensar no inserto tema
E deixo descansar o meu cavalo,
De pronto verifico ser problema

O fato, por causar-lhe algum abalo:
Quem sai para remar e já não rema
Precisa deste amor para animá-lo.

7

O apoio do fantasma

Afirmo que não quero atrapalhar
Quem vem com tanto amor para o trabalho,
No entanto, essa tossinha é o espantalho
Que faz nosso poema ir devagar.

Espero não ser só um quebra-galho,
Para trazer mais paz para este lar,
Pois sei que tenho sempre de cuidar
De quem nos oferece um agasalho.

Assim, de qualquer jeito, um bom soneto
Que faça, sem sentir-me um intrujão,
Irei tornar o verso menos preto,

Se der ao encarnado a minha mão,
Que está tão descarnada, um esqueleto,
Que é tudo o que ofereço ao caro irmão.

8

Suave obsessão

Queria o bom amigo fosse única
A trova que lhe dei de modo amargo,
Mas hoje, que recebe pelo encargo,
Não há de se esconder em sua túnica.

Um pouco mais na rima e logo largo
Dos pés que inda seguro, em guerra púnica,
Que o seu empenho, em tarde mediúnica,
Não posso mais seguir em passilargo.

O compromisso cumpro satisfeito
E os versos já me vêm com algo novo.
Não posso cá dizer que estou eleito,

Nas graças dos aplausos deste povo,
Mas tenho para mim que me deleito,
No aguardo que me dê forte corcovo.

9

O avesso do avesso

Tão rápido ditei a trova acima
Que o médium dessa gripe já se esquece
E faz intimamente a sua prece,
Que o gajo que lhe assiste reanima.

Assim, não comprometo a minha rima
E troco alguma ideia que não cesse
O fluxo vibratório, que mais cresce
Se estou numa frequência d'obra-prima.

Ao Pai que está nos céus eu agradeço
A dádiva perene do crescer.
Não quero que se escreva no meu gesso,

Que o pé deixei quebrado sem poder
Passar do Espiritismo pelo avesso:
Apenas me compraz seu bem-querer.

10

De boné na mão

São cinco minutinhos, nada mais,
E deixo pronta a trova, sem pudor
De ver o quanto sofro ao vir compor
Uns versos mixurucas, sem iguais.

Será também assim que se tem paz
No etéreo a que se vem pelo Senhor,
Dizendo não ter ódio mas amor,
Que a luz se decompõe em rimas tais.

No apreço que me tem o companheiro,
Eu sinto ser feliz minha atitude
E nada mais que isso eu lhe requeiro,

Porque, se desejar que agora eu mude,
Irei cantar de galo no terreiro
Do qual voltei há pouco, sem virtude.

11

Meu comprometimento

Fascínio e presunção pelo poema
Me atraem p'ra esta mesa da poesia:
Aqui, faço melhor entrando em fria,
Que é bem menor a trama do problema.

Lá fora, por meu mal, nada faria:
Ficava imaginando o estratagema
De atormentar aquele que blasfema,
Como se o gajo aqui visse alegria.

— Atormentar os outros! Infeliz! —
Há de pensar o amigo que me lê.
Mas isso, até há pouquinho, sempre fiz.

Agora, tenho a chance e sei por quê:
É que devo ser útil a quem quis
Mostrar que o amanhã sou de você.

12

Meus limites

Revira no seu túmulo Kardec
E diz que o médium tolo se alucina,
Que a imagem que gravou traz a ruína
De alguém que sempre agiu como moleque.

Mas devo de aprender, que o mal me ensina
A suspender a trova antes que peque:
Se o poste se aproxima, eu uso o breque,
Ou vou perder você na nobre sina.

É claro que provoco, muito a medo
De ser surpreendido em falha grave;
Mas eis que aqui cheguei de manhã cedo

E pus-me a ruminar qual forte entrave
Podia me impedir este arremedo
E achei em Jesus Cristo a luz suave.

13

A minha justificativa

Não quero fazer versos por fazer,
Mas tenho dentro em mim muitas palavras.
Eu quero registrar, em minhas lavras,
O máximo que posso em bem-querer

Mas temo que me digam: — *Azinhavras*
O teu sentir poético, por ter
Malbaratado as normas do dever
E as rimas saem tortas, que escalavras.

Em sei que o meu poema está mui fraco,
Mas tudo quanto escrevo tem sentido.
É que me encontro ainda no buraco

Em que fui enterrado; e mais duvido
Que alguém faça por mim, em verso opaco,
A prece que requeiro em seu ouvido.

14

Algumas emoções

Não posso reclamar, pois tenho ajuda.
Se a rima desandei, peço perdão,
E peço tão solene que ouvirão,
Ainda fosse a trova mais miúda.

Não posso compreender um simples não
Dum tão valente amigo que me estuda
E diz ao seu rancor, com fé: — *Caluda!*
A caridade vem do coração!

Assim, não comprometo os mestres meus,
Que ousaram me propor o versejar,
Sabendo que um versinho só dos seus

Daria para mim rima exemplar.
Mas vou agradecer: — *Graças, meu Deus,*
Por permitir na trova o vosso altar!

15

Inconcusso tema

Não posso dispensar este momento
Em que tenho alegria, em rude trova:
O texto que aqui deixo bem comprova
O quanto estou carente de talento.

Eu sei que fazer versos não renova
O fato de moer-me o sentimento.
Por um instante apenas, eu me aguento
E o terno deste espírito se escova.

É bom vir fomentar, em bela forma,
O pensamento etéreo no parceiro,
Seguindo, para tanto, a melhor norma

De pôr aqui um pé e outro, matreiro,
No verso mais sutil, que se transforma
Em prece deste irmão, a quem requeiro.

16

Louvação

O tema do pedido de oração
Obriga-se na fórmula da rima,
Senão o povo todo desanima,
Porque somos carentes, como não?!

O que muito nos pesa, como acima,
É repetir os termos da escansão,
Pois ser original é aspiração.
Por isso é que o bom mestre nos arrima.

Mas, quando faço a trova sem esforço,
Seguindo na avenida o mesmo curso,
Em trajés que não mudam nosso aspecto,

Ao menos pomos fé em que o leitor
Não seja sempre o mesmo a vir se expor
E tenha a condição de ser provector.

17

A cruz largada ao chão

Se fico a lamentar meu desempenho,
No entanto, aqui transmito algum prazer,
Porquanto, lá no fundo do meu ser
Dispõe-se nesta rima o bem que tenho.

Alugo este lugar e já me empenho
Em dar de mim com muito bem-querer.
É que chegou a hora de colher
O que plantei na véspera, gamenho.

O amor que aqui recebo não mereço,
Mas dou de mim ou pouco, mesmo assim,
P'ra descansar as costas, pois esqueço

O quanto bem lá dentro sou ruim.
Por isso se repete o som do avesso,
Para mostrar ao povo porque vim.

18

Eis a colheita

Não faço esta escansão com muito apreço,
Que o resultado sei perverso e nulo.
Ao menos fujo agora ao termo chulo,
Que a tanto, pelo irmão, eu já não desço.

É válido tentar dar este pulo,
Que a meta muito perto estabeleço.
Se aqui meu pé quebrar, eu trouxe o gesso,
Porquanto a brincadeira bem regulo.

Peço atenção agora p'ra virtude
Que dissolvi nas trovas anteriores:
É que a esperança trago que algo mude

Na atenuação que rogo para as dores.
Não quero lamentar falsa atitude:
Por isso é que sorri, jogando flores.

19

O rabo ficou de fora

Querido companheiro que me lê
Não sinta pela trova compaixão.
Eu sei quanto penei, neste refrão,
Apenas p'ra dizer-lhe: — *Sou você!*

— *Decifra-me ou de te como, o tal leão*
Dizia a todo o povo, sem trelê.
Eu digo a mesma coisa só porque
Preciso desvelar-me o coração.

É que o leitor amigo sou só eu,
Que faço para a mim a rima acérrima.
Não quero que ninguém veja em que deu

O esforço de poesia celebérrima.
Na terra era tratado como ateu;
No espaço esta minh'alma está paupérrima.

20

Soa o guizo

No entanto, o quanto faço tem sentido
E pede-me o mentor que dite ao povo.
Por isso me apresento aqui de novo.
Vou conseguir sucesso? — *Eu duvido.*

O pessimismo alheio dá corcovo
E faz com que me aferre em meu partido,
Mas, como devo expor, venho atrevido
E digo francamente: eu sou o estrovo.

O anzol que prende o peixe é importante;
A linha é que sustenta a fé na lida;
O estrovo junta os dois e bem garante

Que a pescaria esteja defendida,
Mas fica de entremeio, ao bel talante
De quem segue no mar, em boa vida.

21

O pulo do gato

Não vou desperdiçar o tempo alheio:
Por isso é que desfaço desta trova.
O meu leitor sou eu, o que comprova
O quanto o verso fiz pesado e feio.

A rima que permeio não renova
O som que pus no fim e que não veio
Para satirizar o meu esteio,
Que o mestre que me serve já corcova.

Eu disse quanto quis na falsa rima,
Propondo-me leitor dos versos meus.
Agora venho à luz e não me anima

O fato de dizer: — *Graças a Deus!*
Ninguém aqui me pede uma obra-prima:
Apenas ergue o lenço em triste adeus.

22

Junto ao borrarho

Estimo ter mostrado como eu sou,
Pois enganar o povo é um perigo:
Fazer um verso bronco para o amigo
Evita de dançar em triste *show*.

Entendo-me a mim mesmo cá comigo
E digo, com franqueza, que mixou
A inspiração que o verso apregoou,
Na torta trova prima deste abrigo.

Então, ao me esmerar neste serviço,
Relembro a formosura sem frescura
De quem cumpre somente um compromisso,

Deixando p'ra depois a sinecura
De receber apoio só por isso.
O verso cobre a dor mas não a cura...

23

Mui carnal

Trabalhando co'afinco eu chego lá,
Inda que corte aqui e tose ali.
Juntando os cacarecos, eu não vi
Que coisa muito boa já foi má.

O símbolo que elejo é o jabuti
E deixo para ver como é que está.
Depois que o mestre meu disser que vá
A rima que componho e que não li...

Eu forço tanto a mão neste desleixo
Que até perdi a noção do que me queixo,
Pois levo a trova em permanente ardor.

Se aqui demonstro estar mui à vontade,
É que suspeito que o meu verso agrade
A quem, sem compromisso, dá valor.

24

Quase carnal

Mas, como cá trabalho, o gajo sente
Que digo uma inverdade ou impostura.
Existe mesmo alguém que exige a jura
De que meu sentimento sempre mente.

É bem difícil de esconder a cura,
Se a cicatriz se foi tão de repente.
Aí, não pode ser indiferente
Quem veio poetar e não se apura.

Estremeci o amigo que me serve
E fico já com medo que se enerve,
Por ir tão lento este ditado infame.

O palavrório não sustenta o tema
E acaba tão ruim este poema
Que penso que ninguém de mim reclame.

25

Menos carnal

Est'arte de fazer versos vazios
Esbarra fortemente nas virtudes:
São pobres os que buscam atitudes,
Que os sentimentos ficam muito frios.

— *Por isso é que pretendo que tu mudes* —
Me diz o coração, em calafrios.
— *Não vivem as florestas sem os rios;*
Precisa dar amor sem que isso estudes.

Relembra-me os eventos lá da Terra,
Penso no tempo que perdi na guerra
Contra o sofrer inútil da poesia

E faço versos, inda que sem força,
Mas não consigo, mesmo que contorça,
Chegar ao fundo dessa nostalgia.

26

Às pressas

Estimo ser difícil tal ditado,
Porque me obriga a dar bem mais de mim,
Pois tenho de chegar mais presto ao fim,
Deixando os meus rascunhos cá de lado.

Não é tal resultado tão ruim
A ponto de sentir-me fracassado,
Mas, nesta situação, eu não me enfado,
Porque muito me alegro, mesmo assim.

É que, ao fazer meus versos de improviso,
Pretendo cotejar aos *bons* do estudo
E todo defeitinho é forte aviso

P'ra agora melhorar meu conteúdo.
Assim, peço perdão do pouco siso,
Mas, lendo o que escrevi, direi: — *Eu mudo!*

27

Na escuridão da noite

Notei que o nosso amigo continua
No aguardo duma trova bem bonita.
Perante esta feiura já não grita
Mas acha que este gajo não atua.

Eu sei que o meu leitor muito se irrita
Ainda que minh'alma esteja nua,
Mostrando quão penoso é ver a Lua
Dispor-se em fase nova, muito aflita.

O compromisso saldo e me contento
Por ter chegado ao fim de minha rima.
Não consta que devesse ter talento

Nem que fizesse aqui um'obra-prima:
Se disse ao bom mentor que sempre tento,
O pouco que fizer muito me anima.

28

Natural desagrado

A perfeição do verso vai distante
E o sofrimento meu aumenta mais.
O mestre é que me disse: — *Vem, rapaz,*
Que o término da rima se garante.

O medo foi ficando para trás
E a gente despertou do bem diante,
Que a trova, nesta mesa, é mais galante
Se o sentimento se transmite em paz.

Esforço-me a pensar em dar valor
Às simples injunções do bem-querer,
No entanto, vou sofrendo, ao vir dispor

Os versos do roteiro inconsequente,
Pois cumpro simplesmente este dever,
Julgando quanto é bom seguir em frente.

29

Nem precisava dizer

Penar, penei bastante, como viram
Nas trovas anteriores que passei.
E posso vir dizer que agora sei
Como é que os meus colegas se sentiram.

É triste depender sempre da grei,
Pois mestres e parceiros insistiram,
Dizendo, em gíria tosca, que *se viram*
Os que chegam pautando a mesma lei.

Esforço-me de novo e me contenho,
Por ver que a rima pobre se repete.
Mas tudo quanto faço neste empenho

Demonstra que não tenho nem topete
De aqui dizer a causa por que venho:
Apenas sofro a dor que me compete.

30

Válida tentativa

Louvemos ao Senhor, em prece linda,
Agradecendo a luz que nos envia,
Não tanto por compormos a poesia,
Mas por estarmos rúbidos ainda.

Jesus nos trouxe amor e foi Maria
Quem nos provou que a fé será bem-vinda.
Que a claridade seja, assim, infinda,
Pois vamos para o céu em romaria.

José vem convidar-nos para a lida,
Porquanto batalhou de sol a sol,
Acrescentando brilho, força e vida,

Para formar no verso este aranhol
De virtudes sutis, p'ra dar guarida
Ao canto em que resplende o rouxinol.

31

Fugindo da raia

Não tenho permissão para contar
Como é faço aqui minha poesia.
Se fosse coisa fácil, já diria,
Mas temo que não saiba explicitar.

Eu mesmo quase nada bom faria,
Não fosse o meu amigo deste lar,
Que tem procedimento conciliar,
De modo a facultar nossa harmonia.

Sugiro que o meu médium mais me ajuda
Na hora em que penetro em sua mente.
Às vezes, o ditado ele me muda,

Dizendo que auxilia, simplesmente,
Porquanto *memudar*, ninguém se iluda,
É verbo que autorizo e sigo em frente.

32

Levantando a ponta do véu

Se sou feliz assim, eu digo logo
E vou deixando a trova para trás.
Por pouco não estrago a minha paz,
Co'a brincadeira tonta em que me afogo.

O mestre, que não gosta, já refaz
A rima que não presta e na qual jogo
O meu poder frasal, para o que rogo
Que o meu leitor perdoe, se capaz.

Que importa o meu soneto, se não presto
Para rimar amor com dor, na trova?
Assim, só me aproveito de algum resto

Que encontro dispersado como em prova,
Refugo tão banal que d'alma empresto;
Conceito da verdade que renova.

33

Ao de leve

Eu sei que sou mistério a decifrar,
Mas digo francamente que me esqueça
Quem não quiser quebrar sua cabeça,
Embora seja tudo elementar.

É mui penosa a trova popular
Que exige do poeta que forneça
A melhor rima a quem a põe travessa,
Na fórmula que brinca sem trincar.

Se expendo com cuidado o pensamento
E deixo tudo claro p'ro leitor,
Aí me irão dizer que não sustento

O meu poema e dou, com pouco amor,
O grito inoportuno, pois lamento
O triste conteúdo desta dor.

34

Cada um dá o que tem

Falei tudo o que tinha p'ra dizer,
Na forma chã dum verso improdutivo;
E pouco me importei em tornar vivo
O sentimento honesto do dever.

Eu não preciso ser mui criativo
P'ra adquirir da rima tal poder:
Buscando só escandir com bem-querer,
Seria suficiente estar ativo.

Mas venço o compromisso do soneto,
Que a forma desta trova já domino,
Estando, embora, o verso ainda preto.

A prece que soluço eu arruíno,
Sabendo que, no último terceto,
Há de caber Jesus; mas não num hino.

35

Nós aqui e o médium lá

Quisesse o nosso médium fazer versos,
Teria inteiro apoio deste grupo,
Mas hoje diz-nos logo: — *Eu me preocupo*
Em copiar uns temas mui diversos.

É claro que terá de ouvir o apupo
Daqueles que nos veem muito perversos,
Mas nunca sabem bem se estão imersos
Nas águas torvas onde os engazupo.

Desconfiar de quem nos serve cansa,
Pois tantas são as trovas que se escrevem,
Que doce lhe seria essa esperança.

Descrer, porém, dos outros já não devem:
Se forem enganados, não se avança
Um palmo nessa estrada que prescrevem.

36

A culpa é minha

Eu trago esta poesia em desalinho,
Pois é bem pouca a rima que possuo;
Por isso é que ao meu médium lhe atribuo
O justo e bom dever neste cantinho.

Se do meu modo aqui também atuo,
Reforço malicioso o meu carinho.
O tempo já se foi e eu me encaminho
A tudo aqui compor, mas sempre em duo...

Fornece-me o restante da escansão
O meu mentor esperto na doutrina,
Dizendo que aprender minha lição

Vai esconder do povo a pobre sina
De quem vem trabalhar com emoção
E leva no cangote co'a botina.

37

O importante virá depois

Perdão sempre lhe peço pela prova,
Porquanto os versos todos saem chulos;
Apenas um ou outro, em seus casulos,
Preparam-se, larvares, para a trova.

O médium fica triste, pois condu-los
De forma tão preciosa quanto nova,
Em tema que faz jus a rasa cova,
Que o gato se escondeu sem dar seus pulos.

É claro que hoje brinco, sendo sério
Este momento lúcido p'ra gente
Que despertou em paz no cemitério,

Apenas arranhando o tom plangente,
Sofrendo no murmúrio do mistério,
Enquanto esgoto a quota e sigo em frente.

38

O sentimento mais profundo

Humilde, esta poesia se apresenta
Tendendo a fracassar, em tosca rima;
Não tanto que o poeta mais se anima
E toda circunstância logo enfrenta.

É que fazer tais versos não se estima,
Quando a cabeça voa e mais se ausenta,
Que é fácil de torná-la desatenta,
Se a dor que agora sinto não sublima.

— *Estou feliz!* — afirma quem se esquece
Do sofrimento antigo, nesta horinha.
É boa essa colheita; é farta a messe

De quem vem cá mostrar que se avizinha
De recitar, com gosto, bela prece;
Enquanto, simplesmente, estou sozinha.

39

Sentimento revisto

Eu sei que o sentimento que expendi
Desperta o revertério das pessoas,
Pois sabem como são belas as loas
Que deveria vir cantar aqui.

*Aí me vão dizer: — Por isso voas
Sem préstimo nenhum, pois é p'ra ti
Que voltas teus desejos. — Mas senti
Tais expressões tenazes muito boas.*

Percebo quão injusta me tornei,
Se tantos cá me ajudam a rimar.
Peço perdão ao povo desta grei

E ao médium que me atende dentro ao lar.
Assim, cumpro um princípio desta lei
Que manda desfazer o mal-estar.

40

Promessa que se cumpre

Preciso compreender uma lição,
Antes de vir compor a minha trova:
O verso aqui não passa e me reprova,
Se falo sem pensar, dizendo *não*.

Eu sou, para o leitor, quem se renova
A cada rima audaz desta escansão,
Mas meus parceiros nunca me dirão
Que devo retornar à funda cova.

Por isso, estou sozinha neste verso:
É que tornei meu tema tão perverso
A ponto de lembrar o tempo antigo,

Aquele em que o meu médium me pedia
Que lhe ditasse um pouco de poesia,
Para saber se o Pai está comigo.

41

Simples recomendação

Desfaço a pouco e pouco essa impressão
De que deixei de lado o compromisso
De vir prestar ao povo um bom serviço,
Ainda que esta rima seja em **-ão**.

Alegre-se, parceiro, com meu viço
E veja, em cada qual, um nobre irmão:
Jesus e os anjos todos lhe darão
Com que saldar as dívidas por isso.

Não teime em disputar p'ra ser melhor
Em nada que apresente algum sucesso.
Consagre-se à virtude: o bem maior,

Lembrando-se do verso em que lhe peço
Que traga o compromisso seu de cor,
Que amar é condição para o progresso.

42

De volta

De volta, aqui me encontro mais afeita
A dar de mim um pouco, na poesia.
Não sei se estou melhor, mas eu diria
Que espero ser mais farta esta colheita.

Não tenho pretensão à melodia
Que embala os meus amigos, pois estreita
É minha condição mental que aceita,
Pensando ser p'ra louros a ousadia.

Assim, o sentimento contradiz
O que pensei fazer pelo intelecto.
É que me estabelece a diretriz

Que tudo contribui para o projecto
De vir aqui dançar, muito feliz,
E retornar ao verso circunspecto.

43

Engulho-me

Engulho-me na forma desta estrofe,
Pois quero aqui deixar a minha marca,
Mas, como o meu soneto o mal abarca,
Estou para evitar tão só tal bofe.

Não sei quem é que pode, na fuzarca,
Pensar que um tal poeta filosofe,
A menos que, ao compor, também galhofe,
Que o mar co'a ventania a terra encharca.

Difícil de entender o meu roteiro,
Que a pedra que se atira vem primeiro,
Para depois gritar o "*quem vem lá?*"

Da praxe com que verso a minha rima,
Desprende-se o ultimato que sublima
O derradeiro tema que aqui está.

44

Inútil prosseguir

— *Inútil prosseguir nesta leitura* —

Me informa o meu leitor, com despreço,
Pensando que fez mais do que mereço,
Imaginando como alguém me atura.

Eu vou delineando o que ofereço,
Mudando, a pouco e pouco, esta estrutura,
Até deixar mui clara a criatura,
Porque nem sempre posso estar do avesso.

O treino da poesia é do passado:
Não posso versejar e pôr de lado
A estrita obrigação de agradecer.

Ao Pai peço perdão em versos rudes,
Pois poucas são as minhas atitudes
Que causem no leitor só bem-querer.

45

Espero reagir

Espero reagir, estando acesa,
Para ofertar de mim um pouco mais:
O barco que abalroa sempre o cais
Não pode se orgulhar de tal proeza.

Preciso, ao retirar-me, estar em paz,
Porquanto é privilégio vir à mesa
Em que nós transmitimos, com certeza,
Um pouco de esperança aos tristes ais.

Assim, eu simplifico a minha trova
E afirmo que hoje em dia estou melhor,
Conforme esta poesia bem comprova.

Eu sei algumas rimas já de cor,
Mas quero registrar, em bossa-nova,
Que abraço o povo todo *na maior*.

46

Saindo da sombra

Pretendo não cansar o meu amigo,
Que o dia foi pesado, reconheço.
Então, nada farei p'ra pôr do avesso
O pensamento alegre que lobrigo.

É leve esta poesia pois, travesso,
O sentimento corre sem perigo
De contrariar alguém, pois já consigo
Dizer quanto estou bem neste arremesso.

Um simples sonetinho e já termino
A participação que a rima induz,
Agradecendo a prova, pequenino,

Que a benquerença alcança forte luz,
Pois todos louvarão o seu destino,
Orando a bela prece de Jesus.

47

A frouxidão como defeito

Chegada a hora da poesia, vamos
Formando a fila dos que têm rascunho:
Quem escreveu usando o próprio punho
Colhe bons frutos, alcançando os ramos.

Mas eu preciso dar meu testemunho
Do quanto são gentis estes meus amos:
Ao registrar aqui que os respeitamos,
Componho um verso bom; mas me acabrunho.

É que critico muito o resultado,
Depois que passo a limpo junto ao médium.
Com ser um pouco frouxo, eu não me agrado,

Peço perdão ao povo pelo assédio,
Tento esconder o verso encalacrado,
Mas o meu mestre diz: — *Chega de tédio!*

48

Dar do que não tem

Não tenho condições de poetar
Caso o meu médium insista nesta tese
De que o cansaço existe e o mal retese,
Na hora em que transmito, neste lar.

Não venho doutrinar em catequese,
Pois tudo o amigo pode elaborar,
Que a mente tem poder elementar,
Na obra em que a vontade muito pese.

Mas reconheço o prisma em que se insere
O pensamento lúcido do amigo,
Porquanto muitos vêm p'ro *miserere*,

No sofrimento duplo do castigo.
Não julgue que o poeta aqui exagere:
É o que também se passa cá comigo.

49

Algo existe além dos versos

Não quero estimular o desespero,
Porém, não tenho nada positivo:
Se venho versejar, não dou motivo
P'ra que suspeite alguém de destempero.

Mas afirmar o bem em que não vivo,
Apenas p'ra mostrar um certo esmero,
Iria transformar em exaspero,
Que, ao menos, da verdade não me privo.

Assim, mostro o conjunto do meu drama
E exponho em rimas os problemas meus.
Não quero o bom conforto dessa fama

Que faz um lindo verso e diz adeus,
Pensando que o leitor a trova aclama
E pede a mesma bênção para Deus.

50

O que me perturba

Suponho que o leitor deteste a rima
E deixe aí de lado esta poesia.
Talvez, no entanto, exista quem não ria
E peça um pouco mais da minha estima.

Aí, já me embaraço na harmonia
E penso o que seria uma obra-prima,
Aquela que o valor cá legitima,
Trazendo, para as almas, alegria.

Componho este soneto sobre o tema,
P'ra demonstrar o quanto me preocupa
Passar para o leitor o estratagema

De me fazer levar sobre a garupa
(Sem suspeitar o imbróglio deste esquema)
De quem, por ser mui dócil, não me apupa.

51

Soneto à revelia do autor

Dispensar o meu amigo da poesia,
Mas dou em versos meu sutil conselho:
Não queira mais olhar-se neste espelho,
Pois algo muito feio aqui veria.

Não trato desta rima e me aparelho
Para sofrer as críticas do dia.
Se desejasse apenas alegria,
Talvez cá não pusesse o meu bedelho.

Mas, como o mestre é bom e a falha aceita,
Apenas desejando que apresente
Vontade de acertar nesta receita,

Eu vou ditando a trova calmamente,
Pois, quando a caridade for perfeita,
Colher o dom do amor vai ser frequente.

52

Coquetel de aspirações

Agora que volvemos para a trova
O nosso olhar de dúvida e sarcasmo,
Não vemos existir muito entusiasmo
Na forma que o soneto não renova.

Agita-se o poeta no marasmo
Dos temas repetidos que reprova;
Mas como melhorar, se sente a cova
E põe-se perturbado, tonto, pasmo?

— Um dia hei de fugir p'ra etéreas plagas! —
Promete intimamente e se imagina
No meio das verdades inda vagas,

Pois, se o saber e o bem não conjumina,
Espera confiante pelas sagas
Que o Pai há de propor-lhe em fértil sina.

53

Estimulantes sentimentos

Fugimos do roteiro da poesia
Para exclamar o amor por nosso amigo.
Sabemos que não tem melhor abrigo
Que o coração que vela e se angustia.

Mas tudo o que fizemos por castigo
Do estilo que comprova esta alegria
Há de conter a trova em nostalgia
Dos tempos do entusiasmo sem perigo.

Apenas, ao erguermos doce prece,
Pedimos que o leitor nos acompanhe,
Porquanto o nosso amigo bem merece

Um brinde em linda taça de champanhe,
Que tudo faça bem e que não cesse
A fé na proteção de seu *ossanhe*.

54

Retribuindo

Ergamos a bandeira da esperança;
Marchemos mui felizes nesta paz;
Saibamos ver no Cristo um bom rapaz,
Porque ficou p'ra trás o ser-criança.

Se tal ideia agora não se faz,
Conforme o espiritismo mais avança,
Às vezes nossa mente só descansa
Dos parcos pensamentos de incapaz.

Brincar com Jesus Cristo nós não vamos,
Que é muito sério o moço e já reclama
De que julgamos altos os tais ramos

Em que as virtudes pendem neste drama,
Mas um motivo novo consagramos
No verso em que cantamos quem nos ama.

55

Coloquial

Querida e casta Musa, estou contente
Que tenhas tido fé também em mim.
Eu sei que, na poesia, sou *chinfim*,
Mas levo, com amor, o tema em frente.

Quisera versejar *estando afim*,
Segundo as normas todas do *batente*,
Mas temo que o leitor não mais me aguento,
Se estrago a tal receita do pudim...

Assim, dou preferência p'ro gracejo,
Temendo só ferir os mestres meus.
Porém, se tal maldade aqui não vejo,

Não vou tão simplesmente dar adeus:
Aos meus confrades deixo o meu desejo
De que rogue Jesus por nós a Deus.

56

Contando com o amor de Jesus

Jesus, vos peço: tenha dó de mim,
Pois venho tão modesto p'ra poesia.
Um outro mais esperto aqui faria
Poema exponencial, com belo fim.

Eu toco esta minha harpa em harmonia
Com tudo quanto tenho em mim ruim,
E trago o vil ditado mesmo assim,
Roteiro que vingou, sem pôr-me *em fria*...

Aí, tendo notado a forma certa,
Que ao menos esta métrica é perfeita,
O gajo que me lê de boca aberta

Não vê que o tema falha e já me aceita,
Sabendo que Jesus o mal conserta,
Inda que a porta seja tão estreita.

57

Anda longe o fim

Pretendo suspender os meus ditados,
Assim que elaborar uma obra-prima.
Portanto, ao esmerar-me nesta rima,
Consigo preocupar os encarnados.

O tema me assegura a doce estima
De quem quer ver o fim destes recados,
Que o treino se estendeu em malfadados
E rudes versos, pela estrada acima.

Agora dou adeus e me preocupo
Em superar as crises da consciência,
Cansado de sofrer seu vil apupo,

Porque não me esforcei nesta ciência,
Embora tanto ajude este meu grupo,
Na exortação de nobre e sã prudência.

58

Tomando consciência

— Renego, Salvador, o teu perdão,
Porque não hei pecado tanto assim! —,
Dizia o pobre gajo em confissão.
Eu sei porque dizia mesmo a mim.

— Não posso perdoar quem é ruim —,
Dirá Cristo—Jesus (como dirão
Aqueles que nos ouvem) — Mas eu vim
Para rogar-te amor ao coração!

Então, não descaí do feio orgulho
E, pondo-me a chorar, lhe disse aflito:
— Eu tenho o coração cheio de entulho

E, para amar alguém, neste conflito,
Terei de perdoar, mas não mergulho
Tão fundo nessas ânsias de infinito...

59

Um por todos...

Senhor, aos pés do altar, eu me ofereço
Para ajudar o irmão nesta poesia.
É pouco o que possuo mas daria,
Porquanto ao vosso amor não se põe preço.

Assim, este poema é de alegria,
Ao registrar aqui meu endereço:
Escreva para mim que eu me envaideço,
Ao receber resposta em sintonia.

Nos braços de Jesus encontraremos
Todo o conforto aos males que sofremos,
Por sermos inferiores nesta vida.

Mas é no bem que vamos melhorando,
Sem nos preocuparmos até quando
A luta há de enfrentar a turma unida.

60

... todos por um

Preciso desculpar-me com meu médium,
Por vir mui devagar neste ditado.
Bem sei que te parece estar de lado,
Porque sentes mui fraco o meu assédio.

É pouco p'ra ficares preocupado,
Mas venho ministrar-te o bom remédio:
Que fuja o companheiro desse tédio,
Buscando trabalhar longe de enfado.

Preciso estimular que te interesses
Por rimas desusadas, oportunas,
Em versos mui festivos, de quermesses,

Em trovas que te peço que reúnas,
Para acordar quem dorme, sem benesses,
Porque cabe ao leitor achar lacunas...

61

Fazer o quê?

A norma é que se evoquem os amigos
Para as mensagens úteis e completas.
Assim, para estes versos, os poetas
Deviam despertar de seus jazigos.

Enquanto cá não vêm, disponho as metas
E corro nestas trovas tais perigos,
Sabendo que as estrofes dos antigos
Não fazem mais sentido, por discretas.

O joio que é plantado mesmo assim
Parece ser bom trigo pela forma,
Mas longe vai o dia para mim

Em que bem rimarei dentro da norma.
Mas, como o coração não é ruim,
O gajo apanha o verso e se conforma.

62

Fazer o melhor possível!

De tanto trabalhar a mesma rima,
Eu pude conhecer alguns mistérios:
Os versos devem ser, além de sérios,
Bastante ponderados, como acima.

Poetas que apresentam refrigérios
Não querem perturbar quem os estima
E, mesmo se não trazem obra-prima,
Castigam com rigor os seus critérios.

Não pedem a Jesus a glória injusta
De serem incensados cá na Terra,
Pois sabem o melhor o quanto custa

Em termos de enfrentar terrível guerra,
Porquanto esta vaidade se degusta
Se o bem que se fizer n'alma se encerra.

63

Dando força ao tema

Entrego-me à poesia com denodo
E logo desafio a pobre rima.
O tema é repetido e sempre prima
Por não ser cansativo como um todo.

A originalidade legitima,
Já que o leitor não sente ser engodo,
Porque não gero aqui nenhum apodo
Que possa perturbá-lo sem estima.

Se não causo pavor nem bem prazer;
Se desafina a lira a mente opaca,
Não torno tão plangente o meu dever.

É que, ao dizer Jesus que *a carne é fraca*,
Falava quanto a ter pouco poder
Aquele que a verdade não emplaca.

64

Denodado esforço

Se tenho um compromisso p'ra cumprir,
Não posso abandonar a obrigação.
Por isso é que o mentor não julga vão
O verso que aborrece o Wladimir.

Eu sei que prejudico esta escansão
E a trova não terá um bom porvir,
Mas faço, ainda assim, pois quem me ouvir
Ao menos me dará o seu perdão.

Lembrei o meu dever e o do leitor:
Não vou fazer o mesmo a Jesus Cristo,
Que o mais que tem por nós é puro amor.

Assim, vou melhorar p'ra ser benquisto,
Que estão a me ajudar ao vir compor,
Pois sabem que, teimoso, eu muito insisto.

65

Para lembrar depois

Perdoa-me, Jesus, esta ousadia
De vir rogar-te ajuda para a trova,
Pois, ao pedir a ti, só se comprova
Que eu quero fazer bem minha poesia.

Eu sei que o verso meu não se renova,
Mas este é o exercício que daria
Para montar agora a melodia
Que iria levantar-me cá da cova.

Estou, portanto, alegre com meu verso,
Sabendo, embora, ser tão vil, perverso,
Mas põe-se a trabalhar o meu bestunto.

Um dia, vão falar também de mim,
Com rima diferente de capim,
Lembrando-me dos tempos de defunto.

66

Revelando pistas

Não tenha medo, amigo, e nos ajude
A elaborar a trova em pensamento:
Os pontos desta vida que comento
Precisam alcançar melhor virtude.

Quisera ser alguém com mais talento,
Mas sei ser mui difícil que isto mude,
Se mantiver, no texto, esta atitude
De tudo aqui julgar perverso e lento.

Atrevimento só não mais resolve,
Pois meu bestunto não se desenvolve,
Se venho repetir o mesmo assunto.

Por isso é que requeiro ao bom amigo
Que venha interpretar junto comigo
Os temas que se escondem no transunto.

67

Dupla leitura

Pretendo estimular a tua ajuda
Porque vou ler-te n'alma o quanto estimas
A originalidade destas rimas,
No ponto em que a intenção do verso muda.

São símbolos que dão às obras-primas
O seu contorno augusto que transuda
Em formas de escansão densa ou miúda.
E as minhas, coitadinhas, não amimas.

Os versos vou dispondo com sucesso,
Mas neles não se encontra o meu progresso,
Se não se interpretarem em conjunto.

Não peço que me leias simplesmente,
Mas faze da leitura algo fremente
Que envolva o teu saber quando pergunto.

68

O efeito da boa vontade

Tu queres vir ditar também teus versos?
Pois trata de viver intensamente,
Para que o teu saber do mundo aumente
E tragas os teus dons incontroversos.

Eu recomendo tanto, pois perversos
Os meus poemas são, sem que acalente
Estar de bem co'a vida precedente,
Quando no mal perdi os dons diversos.

A lamentar estou, em rimas fracas,
Mas quero aproveitar a tua aurora,
Que as luzes já não tornam tão opacas,

Para reinar no texto em que vigora
A lei do amor, que tu tão bem destacas,
Ao te sentires útil, nesta hora.

69

Do livre-arbítrio

— *Escravo do destino* — eis a noção
Que quero discutir com meu amigo.
Bem creio que na ideia há tal perigo
Que leve ao desespero o meu irmão.

— *Os fatos eu promovo* — diz consigo
Aquele que nos dá sua atenção,
Sabendo que a verdade de antemão
É preconceito tolo muito antigo.

Ao exercer na vida arbítrio pleno,
Preciso é que ressalte o bem somente,
Pois prejudica o mal como veneno.

Discernimento, sim, querem que aumente
Os nossos guardiães e eu já condeno
Quem venha duvidar da luz da gente.

70

Luz de empréstimo

Estranhas, meu leitor, esta postura
De quem se põe acima dos demais?
Se o coração, porém, palpita em paz,
Verás como sou simples, sem frescura.

Afirmo que estudar não traz jamais,
P'ra mente do encarnado, desventura,
Se tão somente o bem aí procura,
Favorecendo a vida dos iguais.

E como fazer isso na penumbra,
Se quem está no escuro já vislumbra
A tênue claridade que insinua

O verso incompatível co'a modéstia?
O Sol brilha inclusive em fina réstia
E põe seu resplendor na opaca Lua!

71

Lembrando o Mestre

Empresto o meu poder de quem tem luz
E afirmo, desenvolto, que o melhor
Está no dar as leis do Pai de cor,
Como ensinou a nós Cristo—Jesus.

Se fosse o meu talento inda maior,
Eu te diria o mesmo, pois conduz
O vate mais perfeito a sua cruz,
Na trilha que se abriu ao derredor.

Lamento com pesar não ter o dom
De oferecer na trova um belo som
Com que louvar a luz que me ilumina.

Mas dou de mim um pouco p'ra que aqueças
O coração que sente muito espessas
As nuvens que escurecem tua sina.

72

A exemplo de Jesus

Desejo que o leitor melhor compreenda
Os fatos dessa vida que perpassa.
Embora esta conversa seja escassa,
É o pouco que aprendi na minha senda.

Depois que abandonei minha carcaça,
Eu pude progredir, tirando a venda
Que me escondia a luz desta oferenda
Que o Pai nos proporciona, em linda taça.

O que pensou Jesus, na hora ingrata,
Em que bebeu às fezes o seu vinho,
Estando a meditar antes da data

Em que seria entregue ao vil caminho
Do Gólgota da dor, sob a chibata?
Na salvação da gente, eu adivinho.

73

Fé que se faz prece

Espero que se encontre o nobre amigo
Disposto a perlustrar este caminho,
Que a dor se faz presente desde o ninho,
Se a fome da verdade vem contigo.

Os males desta vida eu esquadrinho,
Buscando a solução no bom abrigo
Das luzes do evangelho, que lobrigo
Na perfeição do amor e do carinho.

Assim é que a tristeza mando embora
E faço mais alegre esta poesia,
Pois tudo o que passei não mais vigora

Em sentimentos faltos de harmonia:
Acendem-se no céu clarões de aurora
E rezo agradecido: — *Ave, Maria...*

74

Eterna esperança

— *Estou feliz!* — deve dizer ainda
Quem sofre nesse mundo vil miséria,
Porque ser encarnado é coisa séria,
Oferta do Senhor, sempre bem-vinda.

Se o peso tu suportas da matéria,
Se julgas tua prova muito linda,
Embora te pareça quase infinda,
No etéreo há de alcançar a tua féria.

No estilo de viver, tu'alma cresce.
Se te perturba a dor, ergue-te em prece:
Elege a fé, que o Cristo te conforta.

Se a lágrima te lava a face triste,
Medita sobre o amor, que o amor existe
Para te abrir da paz no Além a porta.

75

Contrição

Bloqueie o quanto possa o nosso aviso.
Não leia esta poesia em desafio,
Dizendo que ofendemos o teu brio:
Eu venho versejar porque preciso.

Modéstia representa um tênue fio
Na teia que se tece em prejuízo
De quem voava solto no improviso
E agora se vê preso: eu desconfio.

Para afogar a dor duma saudade
(Alguém me abandonou nesta vaidade),
Os versos vou dispondo sem ter freio.

Depois o mestre ajuda a desvendar
O que devia expor em seu lugar,
De forma a criticar-me sem receio.

76

Confissão

Confesso humildemente o quanto é falso
O texto em que suprimo o sentimento,
De forma que esta dor eu sempre aumento
E me apresento triste ao cadafalso.

Mas tudo se revela no momento
Em que piso na brasa, pé descalço,
Porquanto os bons conceitos que realço
Me queimam a intenção do lenimento.

Só resta me acusar de vilipêndio,
Que os versos são bem fracos, na verdade,
Mas arde o coração no intenso incêndio,

De modo que componho sem que há-de
Disfarçar a poesia o vil compêndio
Dos males com que puno o bom confrade

77

Arrependimento

Espero, muito em breve, aí voltar,
Por isso é que componho bem depressa.
Mas tudo quanto faço não expressa
A paz que pediria p'ro meu lar.

O medo é de falhar, que a dor não cessa,
Embora eu venha lépido cantar,
No anseio de sair deste lugar,
Alegre e mui feliz com esta peça.

Apelo para a graça e me dou mal,
Sorrio amarelinho e me amofino,
Caindo nesta teia do real

Que armei com as noções que descrimino:
Aranha neste posto, tal e qual,
O meu veneno injeto em desatino.

78

A penitência compartilhada

Concentra-se o bom médium e trabalha,
Dispondo em versos o pensar alheio.
Quisera terminar com tal anseio,
Mas sabe o que esperar desta batalha.

Eu digo que um fracasso não receio
E logo ele percebe alguma falha.
Insisto mas o tal não se atrapalha,
Julgando, embora, o texto muito feio.

No fundo, é com prazer que se oferece,
Porquanto o resultado o satisfaz.
Se o meu produto é pobre nesta messe,

É tudo o que possuo e sou capaz.
Aí, lembro Jesus, em sua prece,
E peço ao Pai do céu amor e paz!

79

A comunhão

Não quero envilecer esta poesia,
Por isso penso em Deus, em cada linha.
Se o sentimento oposto se avizinha,
Recito já de cor minha harmonia:

*— Senhor, fizeti por mim a melodia
E dai-me a compreensão da ladainha,
Pois devo de rogar a quem caminha
Na fé inabalável que irradia!*

Pressinto que algo faço de valor,
Estimulando o bem com minha rima,
Pois a coragem tenho de compor

E levo esta virtude que me anima
A quem quer superar a própria dor,
Pois é de amor e paz este meu clima.

80

A promessa

Restauro o compromisso com meu médium
E dou-lhe de presente esta poesia.
Bem sei que qualquer outro comporia
Algo melhor que eu, em lindo assédio.

Contenta-te, parceiro, que algum dia
Terás melhor produto p'ra remédio
Das dores que te trago, em triste tédio:
Então, conhecerás quem te alumia.

Por ora, já vou dar por encerrada
A minha visitinha de aconchego.
Bem sei que quanto fiz é quase nada,

Mas levo n'alma a paz do bom emprego
Do tempo, pois meu verso já me agrada,
Com seu vestir airoso de manchego.

81

Reza com a gente!

Não nos deixeis cair em tentação!,
Humildes, vos pedimos nesta trova:
Senhor, simplificai a dura prova
E recebei os versos do refrão.

Sabemos que o pedido se renova,
Mas não porque pensamos seja vão:
Não é por nós mas, sim, por nosso irmão
Que oramos nossa prece, ao pé da cova.

O que for feito em prol de quem batalha
É bênção que descai trazendo paz.
Por isso, agradecemos, mesmo falha

A manifestação que a rima traz.
Aceita, bom leitor, esta migalha,
Orando cá conosco em tom vivaz.

82

O sacrifício da autenticidade

Desejo prosseguir neste trabalho,
Dispondo em versos a emoção que sinto,
Mas tenho de dizer que nunca minto,
No que se enrola a rima e me atrapalho.

A trova me parece um labirinto,
Onde a verdade esconde um espantalho.
Caso o caminho feche, aí eu falho
E fico sem saída e sem instinto.

O sentimento muda quando rezo
E ajuda peço ao Pai e aos benfeitores.
Assim é que o poema sai ileso

Dos desajustes trágicos das dores,
Embora o texto sofra e fique obeso
Co'as tentativas frustas, inferiores.

83

Para as lágrimas futuras

Nostálgicos momentos já não temos,
Que é tanto o trabalhar por esta rima.
O exemplo deste tema lê-se acima,
Que as mãos mui nos calejam rudes remos.

Por que é que suportamos este clima,
Se os bens a que aspiramos são supremos?
É que os poemas cá são dons extremos,
Que fazem com que o dor logo se exprima.

Mas tudo vem envolto em tal prazer,
No resultado franco da harmonia,
Que o grupo mais se aninha em bem-querer,

Agradecendo a Deus esta poesia,
Que tem sobre a virtude tal poder:
Prece de amor e luz, paz e alegria.

84

Prece ao Senhor

Nós vos pedimos pelo irmão
Que trilha em falso o seu caminho,
Sem resumir numa oração
O amor que tendes, e o carinho.

Aqui pedimos por quem sofre
E por quem goza, libertino,
O coração preso num cofre,
Sem perceber seu desatino.

Se for possível acordá-los
Em tempo ainda nesta vida,
Vão minorar os seus abalos,

Com a consciência arrependida.
Sendo famosos tais estalos,
Fazei que creia quem duvida.

85

No calor da amizade

Não quero para mim o sacrifício
De quem vem me servir neste momento:
Se prezo a simpatia e me contento,
Também me fere d'alma o vil bulício.

É com paciência e amor que muito aumento
O meu prazer ao vir ao sodalício,
Onde, ao queimar o mal, eu dou início
À sólida união do sentimento.

Ultrapassado o muro que me prende,
Há de restar à trova o compromisso
De bem servir a quem comigo entende

Que é de Jesus a rima de mais viço,
No amor que em nosso coração se acende,
No empenho com que a chama eu mais atiço.

86

Lembranças do sacerdócio

A voz soturna, o gesto desabrido,
Eu punha n'alma alheia um medo atroz,
Dizendo que o Senhor, por ser feroz,
Iria castigar, sem dar ouvido.

Muito sofri depois, ouvindo a voz
Da minha consciência: — *Eu não duvido*
Que tudo o que dizia faz sentido,
Pois Deus é que nos faz falar a nós.

Repito, assim, o verbo do sermão,
E meu exemplo extraio de mim mesmo,
Porque não vou falar jamais a esmo,

Se conseguir ouvir-me algum irmão,
Pois, a pretexto sempre de virtude,
Pretendo que este verso um dia mude.

87

Em apelo à solidariedade

Eu vou sair daqui bem depressinha,
Que o tempo que gastei já foi demais.
Mas quero reafirmar que vou em paz,
Que a rima que hoje fiz manteve a linha.

Vou preparar um texto mais capaz
De retratar minh'alma, que caminha
Em sendas de esperança e se avizinha
Do amor que tem por mim quem se compraz.

Enquanto aqui trabalho, eu quero ainda
Mandar o meu abraço ao bom leitor,
Dizendo que mantenha a mente linda

E aceite, sem perfume e até sem cor,
O ramalhete em versos que não brinda,
Mas que por todos pede ao Criador.

88

Para registro histórico

O tempo que medeia as transmissões
Se conta por minutos, todo dia:
A prosa mal termina e já a poesia
Provoca em nosso médium sensações.

O texto vem de cor e até daria
Para causar nas gentes ambições,
Mas cá não quero simples soluções,
Que o verso meu reluz em harmonia.

Às vezes descritivo, o tema traz
Informações precisas do trabalho
Que devem promover nas almas paz.

Por isso, muita vez, o texto atalho
E digo ao meu leitor que satisfaz,
Porque dei meu recado em bom rimalho.

89

Na trilha do anterior

Às vezes, passo o tempo a refletir
Com que sistema alcanço a transmissão
Dos textos que preparo, nunca em vão,
Porque me ajuda muito o Wladimir.

Parece de improviso esta escansão
Tão solta e breve e fraca, sem porvir,
Que o tema não ajuda a construir
O mundo das imagens no refrão.

Mas nunca desanimo e me apresento
Para forçar a trova mesmo assim.
É pobre quanto à forma e o pensamento,

Mas tudo o que aqui trago de ruim
Se escora em tosco ofício sem talento,
Responsabilidade só de mim.

90

Como na novela

De nada há de servir o meu aviso,
Se não for a ninguém dado que leia,
Então, devo esmerar-me, inda que feia,
A trova que resulte do improviso.

É que o temor se amplia nesta teia
Em que se quer colher alguém de siso,
Pois divulgar o amor será preciso,
Mesmo que sem ouvir sutil sereia.

Não percas tempo, moço, lendo o verso,
Pois podes já pensar ser mui perverso
Quem veio com dizeres tão sem graça.

Em prece respeitosa, pede ao Pai
Inspiração ao vate que hoje vai
Brindar tua presença erguendo a taça.

91

Instrumentado poeta

A mim me pede o médium mais descanso,
Que a mente sente opaca pelo esforço,
Mas tudo quanto faz é mero escorço
Mui pálido, aliás, enquanto avanço.

Se a rima compromete o moço, eu torço,
Buscando corrigir, em verso manso,
O feixe da energia que lhe lanço,
P'ra que o sentido não se exponha torso.

Então, cabe ao leitor me perdoar
A trova que se perde pelo ar,
Em sons patéticos e rimas dobres.

É que o sistema acima referido
Dispõe dum dicionário promovido
A auxiliar poético dos pobres.

92

Misteriosa mão

Sobre o caixão em que eu jazia, só uma flor
Depositou a mão tremente que me amava.
Ainda trago na lapela a doce trava
Que me prendeu eternamente ao seu dispor.

Desse perfume que inda exala é mais escrava
Esta minha alma, porque nunca estou senhor
Dos meus desejos de orientar o meu pendor
Para cantar co'a liberdade que ostentava.

Mas minha dona não requer que me magoe
Esta coleira que me põe já de joelhos,
Porque me pede que, ao sofrer, logo perdoe,

Estando a fim de receber nobres conselhos,
Que a cantilena logo faz com que ressoe
O grito bronco de quem joga estes trebelhos.

93

Deixando rastros

Não quero conhecer melhor ventura
E vou levando esta vidinha assim:
A rima, que componho tão ruim,
A mim sempre parece bela e pura.

É claro que o meu mestre cheira o gim
Que deixo repassado na mistura,
Que é fácil de entender esta estrutura,
Partindo do princípio que é chinfrim.

Por isso, já me obrigo a revelar
Que venho p'ra dizer que é muito sério
Não dar, nestes meus versos, bom lugar

P'ra rima que transforma em refrigério
O sentimento triste de vagar,
Correndo já de volta ao cemitério.

94

Objetivo destacado

Planejo esta poesia e caio em mim,
Porque vejo na trova refletida
A parte que perdi na minha vida,
Estando desatento tanto assim.

Por isso, ao vir compor, fica perdida
A rima que se expressa tão ruim:
Eu quero ver que chegue logo o fim,
Temendo sempre estar longe a saída.

Então, resta o consolo de pedir
Que tema o meu amigo o seu porvir,
Se tudo o que hoje pensa se resume

Em ter, em possuir, em olvidar
Quem sofre tanta dor junto ao seu lar
Ou pena nas angústias do negrume.

95

De versos e de vaias

Esperto, o caro médium me acompanha,
Sabendo que mui pouco lhe vou dar.
É pouco e ainda mais ao repisar
A rima que dispus nesta campanha.

O amigo bem queria elogiar
Mas sabe quanto é frouxo quem se assanha
Apenas por montar esta lasanha,
Não vendo que caminha devagar.

Mas faço referência ao pensamento,
Que os versos vêm em jorro, em catadupa,
Do topo da espessura do talento,

Que o gajo aqui tais termos mais agrupa,
Na parvoíce plena em que lamento
Sofrer, triste, o perdão de quem me apupa.

96

Em tempo de espera

— *Eu sei que não mereço esta alegria* —,
Me diz o coração mui constrangido,
No entanto, se não venho, não duvido
Que vai bater saudade da poesia.

Costume bem antigo, construído
Em épocas mais mansas, nostalgia
De quem jamais pensou que aqui faria
Um verso só de amor, por distraído.

Mas tudo o que mais quero, no momento,
É dar de mim em trovas sem lamento,
Porque me considero um devedor.

Mas como o compromisso está desfeito,
À vista de o poeta não ter jeito,
Vou terminar o verso sem valor.

97

O ovo em pé

Aí, é que o meu médium fica triste,
Porque vê na poesia um lado bom.
Mas, se o rimar repete o mesmo som,
Devia progredir quem tanto insiste...

Ao menos, sou veloz e mudo o tom,
Assim como o pardal não come alpiste,
Se tem alguém disposto, o dedo em riste,
A dar-lhe um safanão, em seu ronrom.

Etéreo surrealismo, este meu tema
Dispõe do tempo teu, leitor sofrido,
Que em garras pontiagudas não se extrema,

Favorecendo a rima em que duvido
Que caia aqui de novo; estratagemas
De quem persegue a vítima e o sentido.

98

Reavivando o fogo

Penduricalho tosco, em meu pescoço,
A cruz carrego ainda estrada afora,
Como a mostrar ao povo que vigora
A leis do amor em mim, pois falo grosso.

Mas, ao rezar ao Pai, eu vejo a hora
E logo torço o verso muito insosso,
Produto tão sem graça deste fosso,
Em que mais me atormenta a tal senhora.

O bom leitor, que atura o desperdício
No aguardo de que o gajo perca o vício,
Revira e mais revira o pensamento:

— *Agora, finalmente, é de dever*
Que a rima se disponha em bem-querer! —,
Porém, eu viro as costas sem talento.

99

A dona descuidada

Quem é já vou dizer a dama acima,
Embora deixe claro na poesia
Que tudo quanto faço alguém faria
Com muito mais amor, em nobre clima.

Se não adivinhou na melodia
Quem é a tal pessoa sem estima,
Há de saber agora ser a Rima,
Pois prometer sem dar não alivia.

Entreter-me assim me dá prazer,
Porquanto a dor que sinto é mui profunda.
Por isso é que não troco este dever,

Inda que medo aos outros tanto infunda,
Nos versos em que venho já trazer
O triste sentimento qu'alma inunda.

100

Preocupação real

Fui convidado, sim, pois sou capaz
De versejar um pouco cá no etéreo.
Talvez não seja espírito mui sério,
Mas posso prometer agir em paz.

Quanta saudade vem do cemitério,
Onde deixei o corpo ainda rapaz
À boca desses vermes tão voraz
Que não sobrou p'ra mim nem refrigério.

Mas sei que vou voltar e tenho medo,
Pois vou sofrer no palco a mesma sina,
Papel que represento em arremedo

Das dores que causei para a menina
Que acreditou no amor e, desde cedo,
Pede ao Senhor por mim e me ilumina.

101

Ajudando o médium

Ainda que eu ditasse devagar,
Iria desistir o médium meu?
Se em todas as ações correspondeu,
Não poderia agora fracassar.

Assim, se se chegar algum ateu,
Dizendo que não vai se ajoelhar,
Aponta, caro amigo, para o altar,
E mostra quanto é grande o Bom Judeu!

As coisas que importunam os mortais
Não ficarão envoltas em mistério,
Que a luz de Deus não cessará jamais.

E, quando um pensamento deletério
Te obrigar a sentir que não tens paz,
Abre teu coração ao ministério.

102

Às vezes, o vazio

Estranha o nosso amigo que se imanta
De forma tão sutil, sem que perceba
Que a rima se compõe, gentil manceba,
A oferecer seus préstimos de manta.

Então, fica esperando que receba
A informação poética que encanta,
Ou pela novidade mais espanta
Quem gosta de surpresas, urumbeba...

A coisa se complica em seus mistérios
E, sem proporcionar tais refrigérios,
Vai pondo em risco a forma promissora.

Os termos não se encaixam na doutrina,
Noss'alma vai ficando pequenina:
Melhor era que o texto aqui não fora...

103

Às vezes, a plenitude

O resultado é pífio, inoportuno:
Vão desejar que fique na gaveta.
São obras do demônio, do capeta,
Que põe tudo a perder, se o mal reúno,

Também, por que é que dás tu de xereta
E metes teu bedelho, como aluno
Que não faz as lições e que, gatuno,
Aspira por livrar-se em hábil treta?

É que também se espera do poeta
Que venha amenizar a dor alheia,
Com fala muito mansa em que se espeta

A tal consciência torva, triste, feia,
Que, posto seja simples e discreta,
Também desperta o amor que me incendeia.

104

Mais que lembranças

Não tenho muito tempo p'ra perder
Com textos natimortos de poesia,
Mas reconheço como de alegria
O sentimento após este dever.

Por isso, vou pregando em harmonia
Caduca, muita vez, que o bem-querer
Exerce o seu domínio sem poder
Transformar o leitor em parceria.

O meu papel é simples neste empenho
De vir cumprir as normas evangélicas,
Embora seja falso o desempenho,

Pois o meu coração sente famélicas
As ânsias de volver que sempre tenho
Ao plano material, às lides bélicas.

105

Sem competição

Não devo de assustar o bom leitor,
Que aguarda sentimento mais sublime.
Assim, tomo a palavra que bem rime
E ponho lá no fim, com todo o amor.

Eu quero que o amigo mais me estime,
Por isso é que melhora este compor,
Mas nada que aqui faça é superior:
É o meio de juntar-me com seu time.

Eu já joguei no ataque e na defesa,
Em famosas disputas de encarnado.
Também lá na reserva eu pus acesa

A luz da proteção, quando marcado.
Estudo, agora, a forma da certeza
De esclarecer os gajos deste lado.

106

Tudo se encaixa

Requeiro ao meu amigo que se arrisque
E faça aqui comigo um texto enxuto.
No etéreo, eu grito a dor, porém, reluto,
Porque falta me faz o meu uísque.

Nas guerras medievais, com meu franquisque,
Fui bravo nas batalhas, mas me enluto,
Pois a recordação é vil produto
Que espero que a bebida me confisque.

Fugiu-me da consciência a tal lembrança,
Em tempos de terráquea desventura.
Mas, mesmo assim, o vício ainda avança,

Porquanto o sentimento desnatura
Toda verdade acima da esperança,
Quando a virtude o bem não configura.

107

Pranto poético

Eu bato no pandeiro nesta festa
Em que todo o meu grupo se apresenta.
É claro que sofismo, pois não presta
O verso que aqui faço muito atenta.

Mas desempenho sempre o meu papel
E ponho nesta rima toda a força,
Que as trovas, quando feitas a granel,
Não há quem tenha pena e por mim torça.

Não gosto quando o trecho da sonata
Termina por causar sono profundo:
É como este soneto que desata

Toda vontade alheia de ir mais fundo,
A ver se o pobre ser abre a cascata
Das lágrimas das dores cá do mundo.

108

Lenimento poético

Pediram que fizesse algumas trovas
A fim de demonstrar que sofro ainda.
Não sei bem precisar quais são as provas
Que devem revelar a dor infinda.

Eu penso nos mistérios desta lavra,
Na atenuação do drama que relato.
É que meu sentimento me escalavra
E o texto se compõe de modo exato.

Então, eu me aproveito do descanso
Que as minhas costas têm deste azorrague,
E vou testemunhando enquanto avanço

Que o bem que vim fazer não há quem pague.
Mas minha recompensa é ter mais manso
O coração que amor pede que afague.

109

Tédio poético

Estimo que o meu médium se apresente
E ponha-se a serviço cá do etéreo.
Bem sei que o compromisso dele é sério,
Por isso, quero vê-lo mais contente.

Desde que aqui cheguei do cemitério,
Eu pus-me a poetar tranquilamente,
Que o verso que se apressa não se sente
Propício a fornecer bom refrigerio.

As rimas que disponho no soneto
Repetem seu cansaço em cada trova
E o médium que me serve sente preto

O coração do gajo e já reprova
Que em casa de ferreiro o férreo espeto
Enferrujou guardado em rasa cova.

110

Dores poéticas

Se ficas tu sentado o dia inteiro
A rabiscar o livro e bem as provas,
As dores que tu sentes nestas trovas
Devem causar transtorno em teu traseiro.

De fato, a temperança tu comprovas
No solfejar antigo que requeiro,
Mas é preciso descansar primeiro,
Para depois compor em rimas novas.

Se venho p'ra fazer algo suspeito,
Deixando em desconsolo o bom amigo,
É bem melhor no verso dar-se um jeito

De contornar as faces do perigo:
O desafio do tema eu logo aceito
E, no refrão do amor, conto contigo.

111

O espírito da coisa

Notório é o compromisso desta gente
Com a divulgação do Espiritismo.
Talvez vamos cair em fundo abismo,
Mas temos de levar a rima em frente.

Novelas são escritas quando cismo
Estar mais afastado do presente,
No entanto, volto a mim, frequentemente,
E vejo quanto é mau o comodismo.

Preciso é que hoje enfrente este perigo,
Embora eu bem me saiba sob o manto
De proteção do Mestre, um grande amigo.

É que a verdade é dura e sem encanto,
Se vem a descoberto ou sem abrigo
De simples véu de amor com seu quebranto.

112

A obra é o espírito

— *Mais um soneto eu trago e não me inspiro
Para torná-lo livre dos apupos:
São tantos que fizeram outros grupos
Que se eu perder a vez, depois me viro...*

Assim pensava enquanto aos versos dava
Acabamento métrico supimpa,
Sem preocupar-me co'a lição mais limpa
Que o pensamento dolorido entrava.

Depois que fiz quartetos e tercetos
E li, de cambulhada, outros sonetos,
Foi quando percebi que o sentimento

Também se registrou, sem que eu quisesse.
Então é que sofri, erguendo em prece
O coração ferido em meu lamento.

113

O espírito além da obra

Não quero libertar-me da poesia,
Cadeia de infortúnios que declaro,
Embora este meu verso pouco raro
É tudo quanto aqui mal comporia.

Mas venho, mesmo assim, e me comparo,
Em termos de escansão e de harmonia,
Com os melhores vates que, hoje em dia,
Estão a publicar por seu preparo.

Eu perco o sentimento da beleza,
Porque não me estimula a casta Musa,
Sabendo que me frustro junto à mesa,

Que a tradição das artes mais difusa
Está no fim da trova, quando acesa
Se encontra a luz do Mestre que me acusa...

114

Males da profissão

Não posso imaginar como me atura
Aquele ser excelso que, encarnado,
Se encontra cá na Terra abençoado
Pela missão do amor que configura.

Assim, não compreendi ficar de lado,
Enquanto outro poeta, em sinecura,
Se pôs a versejar tecendo a jura
De só satisfazer quem for de agrado.

Eu mesma não me dei por surpreendida,
Depois que resolvi mostrar que a vida
Apenas se perfaz conforme a prova.

Tivesse já o condão de ser perfeita
A rima que fizesse, em sendo aceita,
Iria suplantar o mal da trova.

115

Superando os males

Depois de um tempo triste lá no escuro,
Voltei para afirmar que estou contente
E aqui sigo tranquila, plenamente,
Acostumada ao verso mais seguro.

Não posso vir queixar-me desta gente
Que diz para fazer, no meu apuro,
Um texto mais feliz, honesto e puro,
Para incitar o amor que a dor consente.

Então, eu mais me esforço nesta lira
E rogo aos protetores toda ajuda,
Para que a rima traga a quem se inspira

No amor do Pai, um pouco mais graúda,
A tal felicidade que se mira
Quando se tem virtude e o bem se estuda.

116

Implicâncias poéticas

Eu peço já perdão por esta peça
Que, em timbre desusado, aqui transmito.
Se o gajo que me ler ficar aflito,
Despreze o fim do verso que se apressa.

Bem avisei a tempo e dei de apito
Em quem as minhas linhas atravessa.
Mas se chegou aqui sofrendo à beça,
Não há que reclamar do tom maldito.

Eu mesma não compreendo por que fiz
A trova que despejo em catadupas,
Se cá me encontro assim tão infeliz.

Por ser a sugestão da dor um crime,
Por que é que sigo andando nas garupas
E o mestre o meu desplante não reprime?

117

Não explica mas justifica

Não tenho explicação para tal fato
E tenho de volver, de qualquer jeito,
P'ra desmontar a peça do malfeito,
Que as regras da poesia desacato.

Mas, se o perdão pedido for aceito,
O resto se compõe no próprio ato.
Assim, que mal existe em ser boato
O tema do discurso que aqui deito?

É que a alegria vinda em catadupas
Extrai do bom leitor felizes upas,
Que soam cá no além e nos confortam,

Espécie de salmoura que se aplica
No gajo que sofreu por não ser rica
A rima que os puristas logo cortam.

118

Os meus *gatos*

Não posso melhorar a qualidade
Dos versos que hoje trago para o mundo,
Pois, quanto ao meu saber pouco profundo,
Não tenho as ilusões da propriedade.

Então, dou preferência a ser jucundo,
Nesta alegria franca que me invade,
E rezo, com fervor, que muito agrade
O texto, que assim mesmo é vagabundo.

Venho pedir perdão frequentemente,
Mas levo uns bons cascudos na cachola,
Que o mestre que me guia é persistente

E quer que o meu bestunto abra a bitola
P'ra dar passagem ao vagão da frente
Que traz o compromisso desta escola.

119

Mas não fugi da arena...

— *As novidades são maravilhosas!* —,
Me diz um bom colega, ao pé do ouvido.
Então, eu me apetrecho mas duvido
Que venha a conseguir melhores glosas.

E tu, meu bom leitor, eu sei que gozas
Desta maneira tola em que divido
Os temas que, por falta de sentido,
Sugere ser as gentes tão vaidosas.

É claro que sustento esta poesia
E ponho nos meus versos melodia,
Formato primoroso do soneto;

Mas tudo quanto faço é muito pobre,
Estando assim perdido, ainda que sobre
Boa vontade e amor em seu coreto.

120

Das qualidades minhas e tuas

Preciso perfilar-me ante as virtudes
E demonstrar que tenho algum valor.
Já demonstrei saber como compor;
Agora vou pedir-te que me estudes.

Se estou sereno e franco no exterior,
Conforme são as minhas atitudes,
Precisa que as tais críticas tu mudes,
Deixando aberto o coração p'ro amor.

Jesus nos trouxe à Vida e perdoou
Aqueles que o feriram rudemente.
Eu simplesmente vim dar o meu *show*

A ver se alguém me lia e, mais contente,
Disseste, entre sorrisos: — *Eu que sou*
Aquele que perdoa e vai em frente!

121

Diante d'O Aprendiz do Evangelho

Agora é trabalhar com mais afinco,
Que o livro publicado já me obriga
A sempre oferecer, à moda antiga,
Os versos a brilhar, com que não brinco.

O médium sempre pronto mais me instiga,
Dizendo que os sonetos, quando cinco,
Lhe dão satisfação, se não intrinco
E dito bem depressa, sem fadiga.

— *Serenidade, amigo!* — eu peço logo,
Pois Deus nos ensinou a descansar,
Segundo a tradição do bem que arrogo

E ponho, com Jesus, ao pé do altar.
Então, com meu leitor eu dialogo
E juntos caminhamos devagar.

122

Para obter qualidade

Cinco sonetos são pouco prováveis,
Se dermos qualidade a cada trova:
Correr nesta poesia só comprova
Que os méritos que temos são contáveis.

É bem melhor seguir dando uma sova
Nas rimas que se fazem controláveis.
Talvez cá descubramos os notáveis
Que trazem às mensagens alma nova.

Por repetir os versos tão frequentes,
Sabe esta turma quanto te entedias,
Ó bom leitor amigo, que consentes

Em vir provar da dor destas poesias
E ajudas quanto podes, sem que atentes
Aos ditos sem grandeza, que alivias.

123

La crème de la crème

Não tenho pretensões de grande vulto,
Embora a minha rima seja rica:
Se der p'ra terminar, se glorifica
O nome do poeta como culto.

O sol ao dardejar tudo esturrica
E o gajo aqui, que não se quer estulto,
Braveja a quem me chama: *Estou oculto*
Nas furnas da montanha!... E a trova estica...

Assim, não comprometo esta estadia
E dou de bom poeta para o vulgo,
Pois tudo que aqui faço não faria

O meu caro leitor, conforme julgo
Que seja quem me lê, nesta harmonia,
Que é bom ser bom, se em verso hoje promulgo.

124

Despertando sentimentos

Esturriquei nas sombras — contrassenso
De quem pôs a perder a nobre vida,
Porque não quis compor-me, ao ver cumprida
A terça parte apenas, como penso.

Agora, vou mostrando a quem duvida
Que a história se repete e não convenço
Que o dia é de proveito em plano denso,
Porque trago minh'alma malferida.

E digo em forma triste, onde a expressão
Se põe à revelia do poeta,
Formando pensamentos nesse irmão

Que não quero entender, pois se decreta
Que devo retornar ao meu refrão,
Para sentir a trova mais seleta.

125

Caminhando devagar

Não vou recomendar que, mesmo assim,
Alguém pense encontrar nesta poesia,
Escondidinho, um pensamento afim,
Pois tudo se resume em melodia.

É que este verso meu é tão ruim,
No sentimento mórbido que alia
Às intenções perversas para mim,
Que tudo me parece em harmonia.

Mas finalmente prego o meu sermão
E digo com franqueza ao coração
Que deve melhorar, por Jesus Cristo.

Se tudo quanto deixo ao bom leitor
Não traz vestígio algum do meu amor,
É justo perguntar por que é que insisto.

126

Seguindo com Jesus

É bem sabida a ideia que se faz
De quem não tem poesia e se apresenta:
Ao menos, vão dizer que o gajo tenta,
Pedindo ao companheiro amor e paz.

E, como vai depressa a ferramenta
Com que cinzela a trova este rapaz,
Não julgo desperdício, se alguém traz
Um sentimento bom, que sempre aumenta.

Se o verso há de ficar para as calendas
E se jogar ao vento a inspiração,
Eu peço a ti, leitor, para que entendas

O quanto aqui sofreu o pobre irmão,
Que retirou dos olhos suas vendas,
No instante em que Jesus me deu a mão.

127

Pretensiosa mente

Eu fico mais um pouco e já me valho
Do sentimento irmão deste meu médium,
Que julga que o trabalho é bom remédio,
P'ra demonstrar a vida que agasalho.

Eu fico a imaginar que tal assédio
Não deva de trazer nada tão falho
Que possa dar de mim que me atrapalho,
Na hora de escandir, em meio ao tédio.

Então, já me pergunto se devia
Dispor meu coração nesta poesia
Que não me traz a forma da obra-prima.

E já respondo, astuto e peregrino,
Que o bem do meu compor nem imagino,
Por serem muitos que me têm estima.

128

Seguindo adiante

Um pouco a cada dia é que se faz
A caminhada excelsa rumo ao Pai.
Então é que a esperança não se esvai,
Porquanto mais aumenta a nossa paz.

Se algum problema sério o bem nos trai,
Sigamos firmemente tendo atrás,
Na esteira destes passos, quem nos traz
A solução do amor p'ro nosso guai.

Assim é que fazemos na poesia,
Deixando as marcas todas pelo chão,
Seguindo ao bom Jesus em alegria,

Que sempre está melhor o coração,
Pois tudo o que se escreve não daria,
Se lamentasse apenas o refrão.

129

Corrente fraterna

Aos poucos, vamos dando condição
A que o bondoso amigo mais entenda
Que deve retirar da face a venda,
P'ra melhorar o campo da visão.

É que seguir Jesus por esta senda
Precisa que nos pegue pela mão,
Pois todos os mortais encontrarão
Como vibrar o amor em oferenda.

Se estou incentivando o teu trabalho
Em prol de cada irmão necessitado,
Também recebo ajuda quando falho

Do mestre que se encontra do meu lado,
A quem dedico a trova e me atrapalho
Porque não sei jamais se está de agrado.

130

Vale a tentativa

De novo vim dispor esta poesia
A que imprimi formato cá no etéreo.
Porém, está tão perto o cemitério
Que tudo quanto faço é porcaria.

Perdão por esse termo pouco sério.
Mas como dar de mim com alegria,
Sem apelar à forma, que a harmonia
Não vem de pensamento tão aéreo?

Pretendo melhorar nas atitudes,
Cursando esta *Escolinha do Evangelho*,
Ouvindo do mentor: — *Quero que estudes,*

*Para escandir os versos que mereces,
Senão p'ra que vieste assim tão velho,
Orando ao Pai de cor as tuas preces?!*

131

Meu desejo de acertar

Um verso após o outro e já termino,
Deixando o irmão terreno mais contente,
Porquanto o médium vibra, sofre e sente
Que o bem que aqui nos faz é pequenino.

No entanto, assim que saio, está presente
Na tela o resultado alabastrino
De tudo quanto fiz e que destino
A ser examinado friamente.

Aí, o melhor crítico me entende,
Sabendo que gemeu o seu autor;
E em prece uma luzinha logo acende,

Porque só sabe agir em meu favor:
— *O gajo (é como pensa) pouco rende,*
Mas tudo quanto faz, traz com amor.

132

Contradição

O que tenho de meu inalienável
É pérfido e cruel, não vale a pena
Deixar tão bem marcado nesta cena,
Quando se quer figura mais amável.

Porém, tudo o que digo, logo acena
P'ro meu tosco projeto inconfessável,
Pois trago o coração tão deplorável
Que logo a rima estraga e se apequena.

Desejo simplesmente pôr um fim
Às crises que me trazem deprimido,
Contudo, neste verso tão ruim,

Consigo ver também um bom sentido,
Porquanto representa para mim
O instante em que sorri por ter sofrido.

133

Reverentemente

Paciência tem o médium, reconheço,
Ao ver com que ternura apanha a trova,
No entanto, quanto trago mais comprova
Que tal dedicação jamais mereço.

Mas diz-me o coitadinho não ser nova
A rima que dispus quase do avesso,
Que devo caprichar por ser espesso
O creme deste crime, em dura sova.

Castigo, neste inferno, o termo chulo
E ponho a minha imagem neste espelho,
Que, esfumaçado embora, bem calculo

Que vai lhe provocar outro conselho,
Porém, o bom amigo a mim condu-lo
Em forma de oração; e me ajoelho...

134

Em verdade, em verdade...

Estando tão afim desta poesia,
O gajo que me serve se aproveita
E tudo quanto trago logo aceita,
Dizendo que melhor jamais faria.

Porém, o que transmito mais se espreita,
Porquanto a brincadeira é calma
Em que se esconde a dor pela harmonia,
Que a estrada em que caminho é muito estreita.

Perdão vou te pedir, meu bom amigo,
Se tudo quanto escrevo é tão candente,
Porém, coisa melhor eu não consigo.

Batendo no improviso assim de frente:
Esborrachei o verso e já perigo,
Ao ver que o coração aqui não mente.

135

Dissecando o cadáver

A dor que o meu espírito incendieia
Não devo revelar em versos frouxos,
Mas como são terríveis os amouros
Dos males que se estendem em cadeia!

Então, fico a lembrar que são entrouxos
Os temas que polvilho como aveia
No leite destas rimas, coisa feia,
Que nem que fossem dois aqueles *Grouchos*.

Derivo os versos meus par'outro porto,
Desfaço o meu temor de aqui ofendê-lo
E emprego as tais licenças como morto,

Deixando esta minh'alma nua em pelo:
Tremenda confusão e desconforto;
Revelação final pelo escalpelo.

136

Ao menos me esforço

Estive agradecendo em oração
O que o Senhor tem feito aqui por mim.
Agora venho em verso pôr um fim
Na tola pretensão de que sou bom.

Também não sou perverso tanto assim
Que tenha o meu leitor sob pressão,
Pois tal seria um texto rude e vão,
Na onda dos sucessos mais chinfrim.

Pretendo melhorar a cada dia,
Que a rima que disponho na poesia
Repete indefinida a ladainha

Das promessas vãs mas sem maldade,
Pois tenho para mim que alguém se agrada
Ao ler o meu soneto à luz que é minha.

137

Ao menos tento

Não sei a quantas anda a minha trova,
Pois tantas são as rimas que compus.
Às vezes, afirmei que tenho luz;
Noutras apenas treva se comprova.

Aí, o meu recurso se reduz
A vir mostrar que a ideia se renova,
Na mesma condição da lua nova,
Porquanto me afastei do bom Jesus.

Mas hoje volto alegre p'ra poesia,
Sabendo que tão logo chegaria
E já iria dando o meu recado.

O meu mentor me chama sobranceiro,
Pois tento ser aqui sempre o primeiro,
Modéstia que deixei posta de lado.

138

Ao menos capricho

Preciso reformar meu pensamento,
Compondo este soneto com rigor.
Portanto, se me digo inferior,
Pretendo receber do amigo aumento.

Se sou malicioso e sem valor,
Ao menos na escritura eu fico atento,
Porque, se demonstrar não ter talento,
Quem é que vai me dar o seu amor?

Eu sei do que preciso: é só de preces,
Pois tu quando me lêes jamais te esqueces
De oferecer teus préstimos aos pobres.

Agora que te peço comovido,
Não quero que me digas: — *Eu duvido*
Que encontres a tal rima e não ma cobres...

139

Ao menos luto

Se venho aqui pedir-te que me entendas
E logo vou dizendo que não prestas
A mínima atenção às minhas festas,
Na graça que aqui deixo sem as vendas,

Também eu vou deixando algumas frestas,
Para que vejas tu as nossas sendas,
Que se cruzaram nestas encomendas,
Lições dos mestres meus, as mais honestas.

A novidade está na rima rica,
Que o bem que aqui recebo glorifica,
Luz divinal de amor de toda a gente.

Eu peço a Jesus Cristo que me aceite,
Embora dessa luz pouco aproveite,
No verso que componho humildemente.

140

Ao menos faço

Costumo apaziguar as minhas ânsias
Em rimas de solfejo muito fácil.
Às vezes, tenho medo de ser grácil,
Porquanto mais me perco nas ganâncias.

Foi como me desfiz na rima dobre,
Pois outras não se encontram no idioma.
Assim, hei de valer-me, pois se embroma
Quem veio criticar-me, por ser pobre.

Esperto eu sou, porém, não me envaideço,
Senão tudo o que faço sai do avesso
E perco o bom leitor que me lastima.

Ao findar o quarteto, aponto a mim,
Dizendo-me carente e, mesmo assim,
Trazendo o amor do Pai p'ra minha rima.

141

Ao menos me instigo

Sustento que preciso me esforçar
Para deixar a trova mais supimpa.
A rima que disponho vem mais limpa,
Se o verso aqui transmito devagar.

Mas quem quer novidade então garimpa
Em lavras bem mais ricas, a cunhar
O pensamento nobre neste altar,
Poesia luminosa em que repimpa.

Enquanto escrevo a trova, eu me envergonho
Do pouco que produzo em versos rudes,
O que me faz mais lúgubre e tristonho,

E o mestre a repetir: — *Quero que estudes
As formas mais sutis, pois és bisonho
Quando chamas Jesus, sem ter virtudes.*

142

Nem sempre é bom sonhar

Nos braços de Morfeu, dormi meu sono
E despertei no etéreo em sofrimento:
Pensava em sacrifício não cruento;
Sorvi da taça amarga em abandono.

Chorei por muito tempo, o que lamento,
Porquanto do destino quis ser dono.
Agora que a verdade em mim entrono,
Bem sei como compor meu pensamento.

Não queiras, meu leitor, ter tal poder
De vir cantar em versos tua dor.
Estima o sofrimento e o bom dever

De acreditar que Deus é puro amor:
Ao cá chegares, não terás querer,
Pois tudo o que hoje fazes tem valor.

143

Lembrando Pascal

A trova não enfeito nem a rima,
Pois tudo quanto faço é muito pouco.
Então, faz o leitor ouvido mouco
E o viço deste autor não reanima.

Eu acho que, ao compor, estando rouco,
O verso sai truncado, sem estima,
Mas tudo se esclarece quando intima
O cérebro enjaulado deste louco.

Mais arde este meu fogo na clausura
Em que sufoco o grito da consciência.
Quisera ter a vida bem mais pura,

Não dei, porém, poder à obediência.
Agora que a razão amor procura,
Não tem o coração qualquer ciência.

144

Escrínio vazio

O resultado é frouxo como o verso
Que se baseia sempre em contrassenso:
Se fosse tudo aqui conforme penso,
O lucro ser-me-ia mui perverso.

Proponho no soneto um riso denso,
Nigérrimo este humor no mal imerso,
Que em chuços da vontade eu alicerço,
Sabendo que o leitor jamais convenço.

Mas, quando chego ao fim desta tortura,
Momento inolvidável p'ra quem sofre,
Um pouco da maldade se depura

E o bem tão diminuto que aparece
Resguardo, muito sôfrego, em meu cofre,
Que a trova que recito é a minha prece.

145

Forçando o leitor à prece

Não gosto de prender os médiuns meus
E dou-lhes liberdade p'ra compor,
Segundo um pensamento superior:
Que a bênção vem do céu, no amor de Deus.

O meu soneto, então, tem mais valor
E põe mais sentimento neste adeus,
Enquanto tu, doutor, também os teus
São versos em que primas pela dor.

A tal mistura tétrica confunde
Quem vem devagarinho p'ra aprender,
Pensando que, no etéreo, se contunde

Quem não dispõe na trova bem-querer,
Mas, quando encontra aqui feio desbunde,
Suplica ao Pai mais luz e mais poder.

146

No mesmo sentido do anterior

São filtros estes versos p'ra verdade,
Que é minha a obrigação de te trazer,
Pois tudo quanto escrevo, em bem-querer,
Pretendo dar-te em luz que não degrade.

E sofro ao revelar-me sem poder
De te propor maior felicidade;
Mas, se uma só das rimas persuade,
Então, vou ser feliz, tu podes crer.

O meu sorriso, assim, virá de ti,
Neste momento mesmo em que me lêes.
Outrora, aí na Terra, eu já senti

O mesmo sentimento que te fez
Orar a melhor prece, estando aqui
A trova que provou ser tua a vez.

147

Confissões obrigatórias

Não devo oferecer-me em holocausto,
Se o verso fracassar e me perder.
É lógico que quero este dever,
Embora sempre dele saia exausto.

Não primo nestas rimas por dizer
Que o meu destino nunca foi infausto,
Mas sorvo o compromisso, só num hausto,
E trago o mecanismo em meu poder.

O resultado é pífilo, reconheço,
Mas tudo quanto posso deixo impresso.
A ti, meu bom leitor, eu mais pareço

Alguém que não vai bem, rude insucesso,
Pois tudo quanto vês está no avesso,
Porque dentro em minh'alma tens ingresso.

148

Refrigério poético

Estimaria muito se o meu médium
Deixasse de pensar em ir embora.
Não queiras recusar-te justo agora
Que tomo p'ros meus males bom remédio.

Valeram-me as palavras, pois não chora
O coração que vela já sem tédio.
Conforma-te, portanto, que este assédio
Um dia há de mostrar qual lei vigora.

Pareço improvisar a minha trova,
Porém, tudo o que faço é sem mistério,
Que a rima que disponho não é nova,

Resquício de que o tema é pouco sério:
Os versos eu boleei dentro da cova,
No tempo em que passei no cemitério.

149

Dependência e sustentação

Estragarei teu dia se disser
Que venho p'ra ditar meu improvisado?
Ou tu melhor te aguentas neste aviso,
Sabendo dar-me as rimas de colher?

Ser sério, neste entrecho, é que preciso,
Senão vai parecer que um mal qualquer
Se esconde no soneto que te der,
Pois poucos, nesta turma, têm juízo.

Desisto, por Jesus, que a tua estima
Se encontra muito acima desta rima,
Que se repete, insana, a cada verso.

Apenas no formato da poesia
É que minh'alma aqui produziria
O texto em que meu tema vai imerso.

150

Características do trabalho

Ao médium que nos pega este ditado,
Pedimos compreensão pela falência
De muitos dos dizeres, que a ciência
É pobre nos autores deste lado.

Assim, vai ser preciso ter paciência,
Até chegar à luz algo de agrado,
Pois tudo aqui fazemos com cuidado,
Mas pouco a demonstrar inteligência.

Quiséramos servir prato supimpa,
Com o tempero exato da doutrina,
Mas, quando a nossa rima sai mais limpa,

O tema se repete e mais se inclina
A turma pelas gemas que garimpa
Nas grotas e nas lavras... da oficina...

151

O que é meu não é do médium

Agora que dissemos como somos,
Vamos mostrar também nosso trabalho.
É claro que hoje um pouco eu me atrapalho
E mostro o verso meu... que nós compomos.

É que a pessoa amiga do espantalho
Não quer que desejemos só bons pomos,
E põe-nos a voar em torno aos tomos,
Porquanto o que lhe dita amor não falho.

Enquanto a rima pobre se apresenta
E o tema só faz jus ao cemitério
Das lavras que se perdem no mistério,

Eu abro o meu caixão de forma lenta
E digo de improviso que não trago
O verso pronto em que meu ego afago.

152

Explicação necessária

O exemplo que aqui dei não me incrimina,
Se lhe assinalo a lei de seu sustento.
É que tentei mostrar que, quanto invento,
O médium deve ver se desatina.

Nem tudo quanto faço, de momento,
Devera transmitir sem a surdina,
Que a trova há de sair mui pequenina,
Se no improviso vem, sem sentimento.

Resguardo p'ra depois a melhor rima,
Ao vir falar do amor e das virtudes,
Pois muitos são os dons que vejo acima,

Nos versos mais sagazes dos irmãos
Que pedem aos mortais as atitudes
Que, no evangelho, colhe o coração.

153

Trabalho enobrecedor

— *Jesus está presente!* — diz quem sabe
Que deve o verso respeitar o Mestre.
Mas tem a sensação o ser terrestre
Que tudo o que se faz aqui não cabe.

Divago a mente e rogo a quem palestre
Que mais cuidado tenha e não desabe
Às brumas dum porvir de que se gabe,
À vista de sucesso tão campestre.

O gajo me responde, muito aflito,
Que, ao ver o Cristo vindo do infinito,
Tremem as pernas e o suor escorre.

Não sabe versejar com perfeição,
Mas é com muita fé no coração
Que escreve a rima p'ra que a luz lhe jorre.

154

A um materialista indeciso

Um pouco mais além desta mensagem,
Coloca o coração, amigo meu.
Bem sei que tens amor, em sendo ateu,
E que não contas mais qualquer vantagem.

Então, hás de pensar em quem nos deu
A condição da vida na viagem
E, quando concluíres que não agem
As coisas por si só, vais no apogeu.

Também hás de me ouvir sem pretensão
De demonstrar as normas desta lei
Que dito para o bem de cada irmão:

Descrê de quem te fala, pois não sei
Como te dar do etéreo a tal noção,
Mas põe em Deus o amor por tua grei.

155

Mediocridade áurea

Também o nosso grupo se despede
Rogando ao bom leitor que nos perdoe:
Por mais que o nosso espírito revoe,
Tal obra há de provar que o mal não cede.

Mas temos para nós que se atraíçoe
Aquele que tão justo o verso mede,
Que é tanto este rigor, sem que se enrede,
Que um bem há de sobrar que amor ressoe.

Aí, vai depender do nosso amigo
Que lê com atenção a pobre rima,
Porque gostar não vem longe da estima

De se enfrentar também algum perigo:
Assim é que esta turma reanima
E pede ao Pai em prece um bom abrigo.

156

Ao médium

A nostalgia vai seguir comigo
Pelos momentos bons que aqui passei.
Mas prosseguir lutando se fez lei
P'ra quem assimilou o seu castigo.

Assim, esta lição que agora sei
E te repito sempre, caro amigo,
Não posso registrar, pois não consigo
Deixar toda a emoção da minha grei.

O verso se fez rápido e promete
Que assim será ditado ao médium meu,
Mas pede-me que seja sem confete,

Que obrigação só cumpre — verso seu.
Então, peço a Jesus ás e valete,
Que o jogo do soneto ele venceu.

157

Até breve, irmão!

Por meu leitor amigo, peço a Deus
Que lhe abençoe os frutos da virtude,
Que a lei do amor e do perdão estude,
P'ra vir lhe dar em festa o meu adeus.

Um dia, vai mudar sua atitude
E relembrar os versos como seus,
Porquanto as falhas minhas, de *Mateus*,
Deixa em perigo o *Boi*, que não se ilude.

É bom que a rima seja tão curtinha,
Que o bem não comprometo e o mal não cresce.
O lenço que acenei um pranto tinha,

Que a dor da despedida ponho em prece:
Jesus, meu benfeitor, a trova minha,
Fazei que tenha luz em farta messe.

Indaiatuba, de 27.06 a 23.07 e de 04.09 a 30.10 de 1996.